

Vamos construir um mundo mais justo?



O que é justiça social? Como avançar em direção à redução das desigualdades? Como ampliar as políticas sociais existentes no Brasil? E como diminuir a diferença entre os que tudo possuem e os que apenas conseguem sobreviver? A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) quer ajudar a pensar sobre o assunto e propõe uma ampla discussão no volume da coleção "Pensando o Brasil", aprovado na 53ª As-

sembleia dos Bispos, no último mês de abril. No texto, a Igreja exorta todos a se inteirar e refletir sobre as relações e as situações concretas vividas por tantos filhos e filhas de Deus.

O JORNAL PASTORAL também quer ajudar neste debate. Para isso, traz nesta edição uma entrevista com um dos assessores da Comissão que elaborou o texto, padre Thierry Linard. Padre Thierry acredita que "uma nova men-

talidade que prioriza a vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns é imprescindível para o exercício concreto de uma solidariedade" e chama a atenção para o papel da Igreja: "Precisamos enfrentar as causas das desigualdades com experiências sociais no nível micro e macro. Experiências de solidariedade e de lutas sociais fazem parte de uma vida espiritual genuína".

PÁGINA 3

PEREGRINAÇÃO

Chega ao fim a primeira etapa da peregrinação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida à Arquidiocese de Mariana. Foram mais de 20 cidades e distritos visitados desde o dia 14 de dezembro, quando a imagem chegou à Barbacena. Milhares de fieis, que moram na Região Sul da Arquidiocese, acompanharam a imagem que veio abrir as portas para uma missão evangelizadora na busca de paz e justiça para todos. A imagem segue agora para a Região Oeste. No dia 10 de julho será recebida com muita festa em Conselheiro Lafaiete. PÁGINAS 6 E 7

MAIORIDADE PENAL

A CNBB divulgou mensagem onde se coloca contrária à PEC que prevê a redução da maioridade penal no Brasil. No documento, ela afirma que "o caminho para pôr fim à condenável violência praticada por adolescentes passa, antes de tudo, por ações preventivas como educação de qualidade, em tempo integral; combate sistemático ao tráfico de drogas; proteção à família; criação, por parte dos poderes públicos e de nossas comunidades eclesiais, de espaços de convivência, visando a ocupação e a inclusão social de adolescentes e jovens por meio de lazer sadio e atividades educativas". PÁGS. 8 E 9



A edição deste mês é o 12º número do *Jornal Pastoral* após os quase dois anos que deixou de circular. Foi com alegria e esperança que aceitamos o desafio de rearticular e revitalizar este jornal em seus diversos aspectos. Como dissemos no editorial da edição de agosto de 2015, “a volta do *Pastoral* está inserida em um processo de revitalização da comunicação em nossa Arquidiocese. Outros instrumentos comunicativos também serão revitalizados. Não se trata de um desejo saudosista de quem quer viver dos velhos tempos. Trata-se de responder ao momento presente que convoca a este novo tempo: sem perder a memória, continuar a construir nossa história.”

É isso que temos feito neste primeiro ano de retomada do *Pastoral*. O trabalho é árduo e exigente, mas a certeza de que estamos ajudando a construir e registrar a história da nossa Arquidiocese de Mariana e da Igreja nos anima sempre. Aliás, a preocupação em registrar a história sempre foi um dos motivos para a retomada do *Pastoral*. Além disso, o jornal não é apenas um “órgão de informação”. Mais do que isso, ele se propõe a ajudar seus leitores e leitoras a aprofundar, a partir de uma visão crítica, humana e cristã, os diversos temas da atualidade na Igreja e na sociedade. Por isso, acreditamos que, apesar de termos outros meios de comunicação, sobretudo os virtuais, o jornal impresso ainda continua tendo um espaço singular e insubstituível.

O *Jornal Pastoral* tem sido escrito por muitas mãos. O conselho editorial se reúne com frequência para avaliar e discutir os temas e assuntos de cada edição. Isso faz toda diferença, pois como se diz por aí “sonho que se sonha só é só um sonho. Mas sonho que se sonha junto é realidade”. Contamos também com a colaboração de várias pessoas que generosamente se dedicam mensalmente aos seus artigos. Além dessas pessoas, há tantas outras que também já contribuíram em alguma edição. Queremos expressar aqui nosso agradecimento e reconhecimento de que o jornal não teria êxito sem a colaboração de vocês. Nosso agradecimento também às regiões pastorais da Arquidiocese de Mariana que viabilizaram economicamente a retomada do *Jornal Pastoral*. Como se sabe, as primeiras cinco edições foram distribuídas gratuitamente, pois as regiões assumiram os custos com a diagramação e impressão. Sem essa preciosa colaboração, certamente não estaríamos celebrando este primeiro ano de trabalho.

Contudo, também temos desafios a superar. E é bom que seja assim. Como dizia Dom Helder Câmara “quanto mais desafiante a tarefa, mais apaixonante a missão!”. E é isso mesmo. O desafio de fazer um jornal, mesmo que seja de pequeno porte como o nosso, mas grande em se tratando dos leitores e leitoras, de tantos que acreditam nesse veículo de comunicação, faz com que a missão se torne apaixonante. A cada mês que vemos uma edição concluída, pronta para ser enviada aos nossos assinantes, é sempre uma alegria! Certeza do “dever cumprido”.

Mas quanto aos desafios, um deles é aumentar o número de assinantes. Até o momento temos 190 assinantes, totalizando aproximadamente 530 assinaturas. Entre as 134 paróquias da arquidiocese de Mariana, apenas 30 assinam nosso *Jornal Pastoral*. Acreditamos que esse número ainda pode aumentar e muito. Nesse sentido, querido leitor, querida leitora, sua ajuda em divulgar e motivar que outras pessoas assinem nosso jornal é muito importante. Converse em sua comunidade, grupo pastoral ou até mesmo nos conselhos pastorais. Quem sabe mais alguém não se interessa em assinar o *Pastoral*?

Da nossa parte, seguiremos adiante. E faremos tudo que estiver ao nosso alcance para que esta bela história continue a ser contada.

Mensagem do Leitor

Parabenizo o *Jornal Pastoral* pela importantíssima reportagem libertadora e de esperança, elaborada pelo Pe. Natali sobre nulidade matrimonial. Por muitos anos, até os dias de hoje, cristãos católicos, que viveram matrimônios incompatíveis ao desejado, pelo anúncio de Jesus; por descasos e irresponsabilidade da parte de um dos cônjuges, sofrem angústias e discriminações, por não saberem como dar continuidade sadia em suas vidas afetivas, devido à falta de esclarecimento e acolhimento em várias paróquias; não só por uma aceitação muda e fria. Precisamos de palavras como as de Jesus, que curam, acolhem, resultando uma continuidade de vida feliz, uma liberdade espiritual e sem sombra de culpas, de olhares indesejáveis de alguns irmãos, ainda afogados em sua ignorância sobre esta questão.

Lilian leal Alves

Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Rio Casca MG



O Papa Francisco defende ecologia integral

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Com o coração aberto e cheio de alegria, acolhemos a nova Encíclica do Papa Francisco, intitulada *Laudato Si sobre o cuidado da casa comum*, que trata de questões relacionadas à ecologia e ao pleno desenvolvimento da humanidade. A terra clama por causa do mal que provocamos com o uso irresponsável e o abuso dos bens que Deus nela colocou.

Recordando os ensinamentos de São João XXIII, do Beato Paulo VI, de São João Paulo II e de Bento XVI, o Papa Francisco apresenta uma admirável síntese da doutrina social da Igreja, refere-se, também, ao Patriarca Bartolomeu, da Igreja Ortodoxa.

Diante de tão grandes desafios, o Papa propõe uma ecologia integral, que incorpore as dimensões humanas, sociais e ambientais e evoca São Francisco de Assis, para quem são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior”.

O Papa faz um grande apelo: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta” e logo acrescenta que precisamos de nova solidariedade universal.

Em seis capítulos, o Papa apresenta alguns eixos que atravessam a encíclica inteira, conforme ele mesmo aponta: “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo; a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida”.

Ao falar do que está acontecendo à nossa casa, o Papa menciona a poluição, as alterações climáticas, a

questão da água, a perda da biodiversidade, a deterioração da qualidade de vida e a degradação social.

O capítulo intitulado o Evangelho da criação refere-se à luz que a fé nos oferece; a sabedoria das narrações bíblicas; o mistério do universo; a harmonia da criação; a comunhão universal; o destino comum dos bens e o olhar de Jesus.

Com grande profundidade, o Papa vai à raiz da crise ecológica e aponta as consequências do antropocentrismo moderno. Em seguida, depois de falar sobre tecnologia, criatividade e poder, o Papa aborda o problema da globalização do paradigma tecnocrático, a crise do antropocentrismo moderno, o relativismo prático, a necessidade de defender o trabalho e a inovação biológica a partir da pesquisa.

Ao propor uma ecologia integral, o Papa aponta para a necessidade de se promover uma ecologia ambiental, econômica e social, e fala de uma ecologia cultural e da vida cotidiana, aponta o princípio do bem comum e levanta a questão da justiça entre as gerações.

O Papa Francisco apresenta algumas linhas de orientação e ação: Diálogo sobre meio ambiente na política internacional; diálogo para novas políticas nacionais e locais; diálogo e transparência nos processos decisórios; política e economia em diálogo para a plenitude humana e as religiões no diálogo com as ciências.

Por fim, ao tratar da educação e espiritualidade ecológicas, o Papa aponta para outro estilo de vida; educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente; a conversão ecológica e, a referir-se à alegria e à paz, diz que “a espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo” e acrescenta que é libertadora “a sobriedade, vivida livre e conscientemente”.

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas, Agência: 1701 - Conta: 583-3 Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: R\$ 25,00 anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG. Fone: (31) 3557 3167.
Email: jornalpastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa.

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Produção: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 São José. CEP 35420-000 - Mariana MG. Fone: (31) 3557 1233.
Email: edv@graficadomvicoso.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares.

Solidariedade e luta pela igualdade social: parte de uma vida espiritual genuína

Arquivo Pessoal

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou, logo após a sua 53ª Assembleia Geral, o segundo volume da coleção “Pensando o Brasil”, onde trata da desigualdade social no Brasil. Com ela, a CNBB deseja contribuir na análise e busca de respostas para a desigualdade na sociedade brasileira.

O documento procura demonstrar que, à luz do Evangelho, as desigualdades tornam-se gritantes. Dessa forma, o texto exorta a inteirar-nos e refletir as relações e as situações concretas vividas por tantos filhos (as) de Deus, irmãos nossos.

Para ajudar nesta reflexão, o JORNAL PASTORAL entrevistou o padre Thierry Linard de Guertchin, um dos assessores dos bispos para este tema. Padre Thierry é jesuíta, nascido na Bélgica, residente permanente no Brasil desde 1975. Tem formação nas áreas de Filosofia e Teologia, com mestrado em Demografia, pela Universidade Católica de Lovaina e em Geografia na Universidade de Liège, Bélgica. Professor na PUC-Rio de 1976 a 1996, no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas, foi diretor regional da Fundação Fé e Alegria (1990-1997) e assistente espiritual da Ação Social Padre Anchieta – ASPA, na favela da Rocinha. Pesquisador e professor no Centro de Investigação e Ação Social e no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES).

JORNAL PASTORAL: Qual a principal contribuição do segundo volume do “Pensando o Brasil”, que trata das desigualdades sociais no Brasil?

PADRE THIERRY: Como escreveu o Secretário Geral da CNBB, trata-se para os bispos do Brasil de contribuir na análise e busca de resposta para desigualdade secular na sociedade brasileira. Uma desigualdade secular que estruturou a sociedade brasileira até hoje. É preciso reconhecer que o Brasil (colonial) começou a existir e funcionar como empreendimento empresarial e comercial, antepondo-se à nação e sociedade brasileira. Essa “Empresa Brasil” é responsável pela implantação e manutenção das contradições políticas, econômicas, jurídicas e sociais ao longo de sua história e presentes até os dias de hoje. Nos anos 1990, o Brasil entrou no processo de globalização econômico-financeira em perfeita sintonia com o projeto secular de uma “Empresa Brasil”. Da parte da CNBB, há um desejo de contribuir com a construção de um Brasil que abra um novo horizonte priorizando a vida de todos, liberando a sociedade brasileira de um verdadeiro despotismo econômico como já assinalava o Papa Pio XI na encíclica *Quadragesimo Anno* em 1931 na primeira crise econômica e mundial.

JORNAL PASTORAL: A primeira parte do subsídio traz algumas questões relacionadas aos limites das

políticas públicas no país. Como é possível avançar nesta questão?

PADRE THIERRY: Houve neste novo século avanços em termos de distribuição de renda. Políticas de inclusão, de emprego e renda que deram resultados com o aumento da taxa de emprego, do poder de compra do salário mínimo ultrapassando a inflação, do programa “bolsa família” tirando milhões de brasileiros da indigência, mas ainda não da pobreza. Neste mesmo período, os ricos nada perderam e continuam a ganhar bem mais que os pobres. Uma reforma tributária é necessária para fazer pagar mais os ricos e poupar os mais pobres. Pois, pobres e ricos pagam a mesma alíquota para comprar fogão ou geladeira, o pobre gastando uma fração bem maior da sua renda que o rico. Além disso, o pobre tem que comprar a prestação, o que implica pagar muito mais com juros exorbitantes. No Brasil, contrariamente aos países chamados desenvolvidos, os impostos indiretos, como IPI e ICMS, representam a metade do total da carga tributária. O imposto de renda contribui com poucos 19% da carga total e impostos sobre o patrimônio são desprezíveis. Sem dúvida, é imprescindível uma reforma tributária para garantir mais justiça social e mais solidariedade, sem falar da necessidade de instaurar um imposto sobre herança.

JORNAL PASTORAL: O texto também fala sobre a importância da coletividade em contraponto à extrema apropriação por pequena parcela da população. Como sair do discurso para a prática, neste assunto? Não é passada a hora de realmente priorizar o bem comum?

PADRE THIERRY: Uma nova mentalidade que prioriza a vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns é imprescindível para o exercício concreto de uma solidariedade que “reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada” (EG, 183). Aqui se trata de uma mudança cultural que nos faz sair da cultura do capital que preconiza como dinâmica dominante a acumulação do capital nos mercados. Está em jogo o conceito de propriedade. Na cultura do capital, entende-se o direito da propriedade como um direito individualista de usar e abusar desse bem a vontade. Nesta visão da dinâmica econômica, acumulação do capital significa concentração da riqueza e dominação dos mercados, sobretudo financeiros. Já em 1931, na crise econômica, o Papa Pio XI denunciava na *Quadragesimo Anno*, a acumulação de um poder imenso e de um verdadeiro despotismo econômico nas



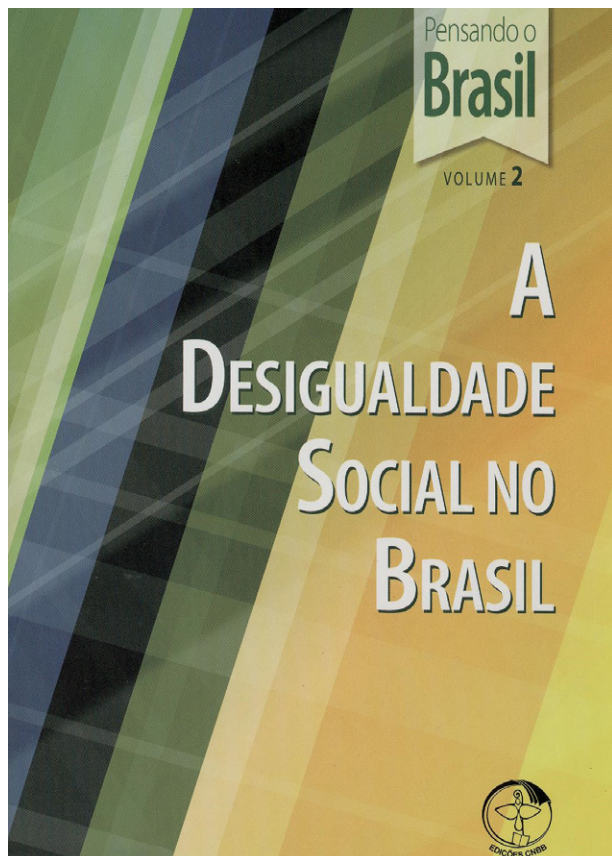
mãos de poucos. Passar à prática é criar mecanismos de solidariedade e valorizar as experiências de economia solidária, tanto no campo, com as pequenas formas de produção rural e cooperativas, como também nas cidades. É verdade que a noção de bem comum parece estar fora de lugar. Os mercados exercem uma ditadura do dinheiro que em vez de servir como meio, governa sendo fim em si mesmo. Nas sociedades dominadas pelos mercados financeiros, não há lugar para uma solidariedade entre os seres humanos e nem com a criação, como podemos ler na encíclica *Laudato Sí*.

JORNAL PASTORAL: Como fazer que as paróquias discutam profundamente o tema da desigualdade e possam desenvolver, nas pequenas comunidades, propostas capazes de viver tudo isso na prática?

PADRE THIERRY: Precisamos conhecer a realidade na qual estamos vivendo. Não podemos nos satisfazer com a visão que veicula na mídia. Precisamos criar aparelhos de conversa sobre a realidade que nos faz sair do ambiente estritamente eclesial ou paroquial. O diálogo com grupos e outras pessoas nos faz sair de um imediatismo consumista que nos faz aprender a conhecer o nosso passado, condição de termos um futuro. Um povo sem passado não tem futuro. É fazendo que vamos aprender como viver e discutir a questão da desigualdade social. Em termos de solidariedade, não podemos nos satisfazer com empreendimentos que ficam no nível das consequências das desigualdades. Precisamos enfrentar as causas das desigualdades com experiências sociais em nível micro e macro. Experiências de solidariedade e de lutas sociais fazem parte de uma vida espiritual genuína.

JORNAL PASTORAL: Além da elaboração de subsídios e da tentativa de mobilização da sociedade, como a Igreja pode praticar esta busca da igualdade?

PADRE THIERRY: Os subsídios são importantes nos grupos de discussão e discernimento. Aqui quero citar dois textos fundamentais do Papa Francisco: a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e a Encíclica *Laudato Sí*. Vale a pena se lembrar dos grupos da Ação Católica que dedicavam tempo à leitura grupal para formar uma consciência espiritual e social e para agir no seu meio de vida. Mas quantas paróquias estão suscitando a leitura e o estudo desses textos, ao meu ver, fundamentais para criar um agir humano e cristão na sociedade?



Pastoral Familiar divulga Carta Compromisso

A equipe arquidiocesana da Pastoral Familiar divulgou Carta Compromisso que é o resultado do IV Congresso Arquidiocesano da Pastoral Familiar que foi realizado em Ouro Branco, Região Pastoral Mariana Oeste, entre os dias 5 a 7 de junho. Na carta, a Pastoral se compromete, entre outras coisas, a acolher e acompanhar, com misericórdia e ternura, as famílias nas suas variadas expressões. O encontro contou com cerca de 350 participantes e teve quatro conferências e dez oficinas temáticas. Confira abaixo a íntegra da carta.

Carta Compromisso do IV Congresso Arquidiocesano da Pastoral Familiar

“Eis que estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos”. (Mt 28,20).

Reunidos de 5 a 7 de junho de 2015 na cidade de Ouro Branco – MG, nós, 350 participantes do IV Congresso Arquidiocesano da Pastoral Familiar, refletimos sobre o tema Família e Evangelização e o lema Riquezas e desafios da Família no contexto da Evangelização. O congresso teve quatro conferências e dez oficinas temáticas. Na conferência de abertura Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo de Mariana, destacou a contribuição e a iluminação do Concílio Vaticano II para a compreensão da missão da família e o enfrentamento dos desafios contemporâneos. Sublinhou a dignidade da instituição familiar, fundada no projeto de Deus, a família como espaço de valorização humana e transmissão da fé. Duas conferências dos padres e psicólogos, Valter Monteiro da Paixão e Magno José Murta, trataram dos desafios, fra-

gilidades e comportamentos no seio familiar sob o ponto de vista psicológico e humano. O Pe. Geraldo Martins, Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, fez a última conferência, abordando a temática da família como primeira comunidade de evangelizadora.

A partir das conferências e dos trabalhos das oficinas nos comprometemos a:

1. Reafirmar os valores da família a partir do sacramento do matrimônio;
2. Acolher e acompanhar, com misericórdia e ternura, as famílias nas suas variadas ex-

pressões;

3. Intensificar o trabalho de conscientização sobre a Paternidade Responsável reafirmando o Planejamento Natural Familiar, em especial o método de ovulação Billings;
4. Acompanhar com especial atenção as famílias jovens;
5. Ajudar os jovens a viver o verdadeiro amor que conduz ao matrimônio;
6. Ser presença solidária junto às famílias que sofrem com o drama da dependência química e das drogas;
7. Aprofundar o conhecimento da bioética a fim de defender e

promover a vida desde a concepção até seu término natural;

8. Amparar, com amor evangélico, os idosos e deficientes nas famílias;
9. Aprofundar o conhecimento sobre a adoção de crianças;
10. Conhecer melhor e divulgar os serviços do Tribunal Eclesiástico a favor do sacramento do matrimônio e da família;
11. Servir-nos dos meios de comunicação, sobretudo as redes sociais, para evangelizar as famílias.

Como nos convida o Papa Francisco em sua bela men-

sagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2015, devemos comunicar ao nosso tempo a família como ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor: “A família mais bela, protagonista e não problema, é aquela que, partindo do testemunho, sabe comunicar a beleza e a riqueza do relacionamento entre o homem e a mulher, entre pais e filhos. Não lutemos para defender o passado, mas trabalhemos com paciência e confiança, em todos os ambientes onde diariamente nos encontramos, para construir o futuro”.

Arquidiocese de Mariana
Ouro Branco,
7 de junho de 2015.



25 anos do ECA e a maioria penal

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completa, neste mês, 25 anos. Ele foi resultado de muito debate com intensa participação de organizações e movimentos sociais que defendem e promovem os direitos da criança e do adolescente. A Igreja, especialmente através da Pastoral do Menor, foi uma das instituições que deram sua contribuição para a elaboração desta lei, reconhecida no mundo inteiro como extremamente avançada.

Ao classificar a criança e o adolescente como “sujeitos de direitos” e ao reconhecer sua “condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”, o Estatuto provoca uma revolução na forma de tratar a criança e o adolescente no país, abandonando de vez o Código de Menores de 1917. Seu princípio fundamental é a Doutrina da Proteção Integral à criança e ao adolescente afirmada no artigo 227 da Constituição Federal: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Uma das questões mais complexas, previstas no Estatuto, diz respeito aos adolescentes infratores. Ao contrário do que muitos dizem, baseados sobretudo no que veem e ouvem na mídia, o ECA não admite a impunidade para o adolescente que comete algum ato infracional. A responsabilização penal começa já aos doze anos para quem transgredir a lei. A punição se dá por meio das seis medidas socioeducativas previstas no artigo 112 do Estatuto: advertência, obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida; inserção em regime de semiliberdade; internação em estabelecimento educacional.

A redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos, defendida por grande parte da população, é condenada por muitas entidades e especialistas. Há muitas razões para não reduzir a idade penal: não vai reduzir a violência; vai aumentar a população carcerária do país que já é a quarta do



Estatuto da Criança e do Adolescente

mundo; o sistema penitenciário do Brasil é uma escola para o crime e não recupera ninguém; na maioria dos países a idade penal é de 18 anos; bem aplicadas, as medidas socioeducativas dão excelentes resultados; reduzir a maioria penal é tratar o efeito, não a causa.

O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Ayres Britto, faz um alerta importante sobre o efeito cascata que poderá advir caso seja aprovada a redução da idade penal. “Se mudar essa faixa etária, reduzindo para 16 anos, se deflagra, no conjunto da Constituição, um mortal efeito dominó: muitos outros dispositivos caem, perdendo sentido”.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador de Pastoral

Divulgado o Instrumento de Trabalho do Sínodo dos Bispos

O Vaticano divulgou na manhã do dia 23 de junho, o *Instrumentum Laboris* para o Sínodo dos Bispos sobre a Família. Após a Assembleia Extraordinária do ano passado foi publicada a *Relatio Synodi*, com os resultados das reflexões dos padres sinodais. O novo texto foi atualizado a partir das contribuições das respostas aos questionários enviados pelas dioceses de todo o mundo, a pedido do Papa Francisco.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família, também enviou contribuições ao texto final, com a colaboração das dioceses.

O Instrumento de Trabalho para o Sínodo, que ocorrerá de 4 a 25 de outubro com o tema “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, está dividido em três gran-

des partes: “A escuta dos desafios sobre a família”, “O discernimento da vocação familiar” e “A missão da família hoje”.

Ao final do Instrumento de trabalho, tem destaque o Jubileu da Misericórdia que iniciará no dia 8 de dezembro, motivado também pelas reflexões da Assembleia Sinodal.

O texto está disponível no site do Vaticano: www.vatican.va.

L'Osservatore Romano



Eleita a nova presidência do Regional Leste 2

O Conselho Episcopal de Pastoral do Regional Leste 2 (Minas Gerais e Espírito Santo) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunido em Assembleia, em Belo Horizonte

(MG) elegeu no dia 10 de junho, a presidência do Regional para o quadriênio 2015-2019.

O arcebispo metropolitano de Uberaba, Dom Paulo Mendes Peixoto, é novo

presidente; o bispo diocesano de Colatina, Dom Joaquim Wladimir Lopes Dias, vice-presidente; e Dom José Carlos de Souza Campos, bispo diocesano de Divinópolis, foi eleito secretário.

Leste 2 - CNBB



Dom José Carlos, Dom Paulo Peixoto e Dom Joaquim Vladimir

GIRO RÁPIDO

DOM GERALDO

O arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha, comemorou, no dia 23 de junho, oito anos à frente da Arquidiocese de Mariana. Vindo de Vitória da Conquista (BA), Dom Geraldo é natural do Fundão, estado do Espírito Santo e assumiu a Arquidiocese após a morte de Dom Luciano Mendes de Almeida. Nossos parabéns ao determinado e zeloso pastor por esta trajetória que se faz vitoriosa e animadora na vida do povo e das paróquias que formam a Arquidiocese.

IDEOLOGIA DE GÊNERO

No contexto dos debates e votações acerca dos Planos Municipais de Educação, o Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunido em Brasília (DF), entre 16 e 18 de junho, aprovou e divulgou nota a respeito da inclusão da ideologia de gênero nos textos em discussão. Para os bispos, a proposta de universalização do ensino e o esforço do Estado em estabelecer a inclusão social como eixo orientador da educação merecem “apoio e consideração”. Por outro lado, “a introdução dessa ideologia na prática pedagógica das escolas trará consequências desastrosas para a vida das crianças e das famílias”, diz a nota.

Leia a nota na íntegra no site da Arquidiocese de Mariana: www.arqmariana.com.br

MUNDO DIGITAL

“A catequese na era digital” será o tema do Encontro Regional de Catequese, preparado pela Comissão para a Animação Bíblico-catequética do regional Leste 2 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O evento do regional, que abrange os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, será realizado de 22 a 26 de julho, na Casa de Retiros São José, em Belo Horizonte (MG).

Em vista da preocupação com a geração da internet, a proposta do encontro é refletir sobre a evangelização e a educação da fé no ambiente digital, compreendendo a internet também como lugar para evangelização. Além disso, as possíveis e diversas contribuições das redes sociais na transmissão da fé e a midiatização da religião, com seu impacto na vivência espiritual, fazem parte das discussões previstas.

O evento é voltado aos membros das equipes de coordenação diocesanas de catequese, alunos do Instituto Regional de Pastoral Catequética (IRPAC) e pessoas com experiência catequética. A expectativa da Comissão do regional é reunir o maior número de lideranças da catequese das arquidioceses e dioceses de Minas Gerais e Espírito Santo a fim de promover uma reflexão sobre os desafios e oportunidades da catequese na era digital. Mais informações no site da CNBB: www.cnbb.org.br.

FÉ E POLÍTICA

Dos dias 19 a 21 de junho teve início a formação da quarta turma da Escola de Fé e Política Dom Luciano no Centro Regional de Pastoral, em Ponte Nova, Região Pastoral Mariana Leste. O primeiro dos cinco módulos foi ministrado pelo assessor arquidiocesano da Dimensão Sociopolítica, padre Marcelo Moreira Santiago (foto). A formação teve como tema “O povo de Deus e a política”, onde os 40 participantes estudaram sobre a fundamentação bíblica e teórica, contextualização eclesial, e a espiritualidade.

O curso é itinerante, com cada módulo sediado em uma cidade das cinco regiões da Arquidiocese de Mariana. O segundo módulo será nos dias 14, 15 e 16 de agosto, em Conselheiro Lafaiete.

DACOM



No caminho com Maria

Imagem de Nossa Senhora Aparecida termina primeira etapa de peregrinação pela Arquidiocese de Mariana fortalecendo seu caráter missionário e unindo a Igreja na busca de paz e justiça. A peregrinação segue para as paróquias da Região Oeste, onde permanece até dezembro de 2015.

Fotos: Arquivo DACOM



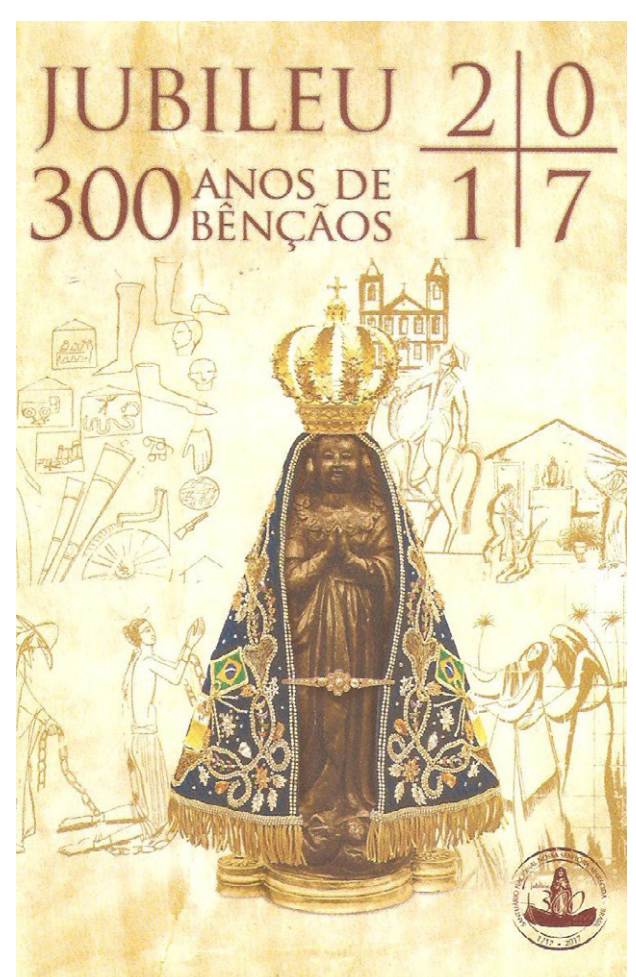
Uma verdadeira e profunda peregrinação. Assim é possível descrever um pouco de como tem sido a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida à Região Sul da Arquidiocese de Mariana. Foram mais de 30 paróquias visitadas em 20 diferentes municípios e distritos que somam uma população de mais de 260 mil habitantes. Foram ainda centenas de quilômetros percorridos desde que chegou a Barbacena no dia 14 de dezembro do ano passado, começando a peregrinação na paróquia de Nossa Senhora da Piedade.

Logo na chegada foi recebida por milhares de fiéis que demonstraram todo o seu amor e sua devoção à Mãe de Jesus. No dia, o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha sugeriu e ao mesmo tempo previa o que iria acontecer. “Estamos vivendo um momento especial de graça. A imagem peregrina percorrendo nossas paróquias quer nos trazer a oportunidade para intensificar nossa ação missionária e evangelizadora. Levar a imagem aos ambientes mais distantes, para que também os afastados possam ser tocados por essa presença tão querida da imagem da padroeira do Brasil”. E assim foi. A imagem visitou escolas, hospitais, associações, presídios e os mais variados espaços públicos, sempre recebida como missionária capaz de levar a todos a esperança de dias melhores.

Em artigo publicado no *Jornal Pastoral*, o vigário episcopal da Região Mariana Sul, padre Geovane Luís da Silva, explica esta relação tão afetuosa da Arquidiocese com Maria. “Nossa arquidiocese é ‘Mariana’, por nome e vocação. Em todos os cantos de sua extensão territorial os sinais de afeto e carinho para com a Mãe do Senhor se fazem presentes: paróquias, igrejas, capelas e altares dedicados a Nossa Senhora, cantos, ladainhas, corações, ofícios, procissões, bandeiras, imagens da Virgem feitas com arte e beleza. Temos em nossa Igreja Particular um verdadeiro monumento de fé construído ao longo dos séculos pelos irmãos e irmãs que nos precederam. Um dom que recebemos e que poderá ser entregue no futuro a outros irmãos que certamente viverão em nossas comunidades. No dizer do Papa Francisco ‘na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se’ (EG 123)”.

Ajudando na caminhada

Com o objetivo de aprofundar este momento de missão e oração, a Arquidiocese de Mariana preparou um material específico para a peregrinação. O subsídio “Caminhando com Maria” que, em 112 páginas, oferece um belo suporte para o momento. No texto de abertura, Dom Geraldo diz que “há, sobretudo, profundas razões pastorais que motivam a visita da imagem de Nossa Senhora à nos-



sa Arquidiocese. Desejamos dar a esse evento um caráter eminentemente evangelizador e missionário, e situá-lo no contexto do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE). Como a grande evangelizadora, Maria, por meio de sua venerável imagem, muito nos ajudará a ir ao encontro dos católicos afastados da comunidade eclesial, bem como dos irmãos que se encontram nas periferias geográficas e existenciais: hospitais, clínicas, presídios, escolas, creches, asilos, lares de idosos, bairros carentes, casas de recuperação de dependentes químicos, CAPs e outros”.

A peregrina da paz

O caráter missionário de Maria destacado por Dom Geraldo também chamava a atenção de seu antecessor. Poucos meses antes de assumir a Arquidiocese de Mariana, em 1988, Dom Luciano Mendes de Almeida também falou sobre a importância missionária e transformadora de Maria, sempre em busca de justiça e amor ao próximo. Em artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 30 de janeiro daquele ano, o bispo escreveu: “Ela (Maria) intercede por nós para que sejamos capazes de colocar em prática a mensagem do Evangelho. Ela há de nos ajudar a imitar sua fé, amor e confiança em Deus. Ela, que ama a todos como mãe, há de reunir raças e classes, ensinando a reconhecer a dignidade de cada irmão e viver o belo programa de justiça que proclama em seu canto bíblico”.

Região Oeste

No dia 10 de julho, a primeira parte desta intensa viagem acaba. A imagem peregrina deixa a Região Mariana Sul em direção às paróquias da Região Oeste da Arquidiocese. Sairá do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Barbacena, após a celebração das 15h, seguindo para Conselheiro Lafaiete, quando chega à Basílica do Sagrado Coração de Jesus. Serão mais alguns milhares de fiéis visitados e mais algumas centenas de quilômetros percorridos sempre na fé, na esperança e no amor que vem de Deus. Até 25 de junho de 2017, todas as regiões da Arquidiocese receberão a imagem peregrina.

Período	Paróquia	Cidade
12/07 a 19/07	São Sebastião	Casa Grande
19/07 a 26/07	Paróquia Santo Amaro	Queluzito
26/07 a 02/08	Santo Antônio	Cristiano Otoni
02/08 a 09/08	Santana	Santana dos Montes
09/08 a 16/08	São José	Joselândia
16/08 a 23/08	Nossa Senhora da Glória	Caranaíba
24/08 a 28/08	Nossa Senhora Mãe da Igreja	Congonhas
28/08 a 01/09	São José Operário	Congonhas
01/09 a 07/09	Nossa senhora da Conceição	Congonhas
07/09 a 14/09	Basílica do Senhor Bom Jesus	Congonhas
15/09 a 20/09	Sagrada Família	Ouro Branco
20/09 a 25/09	São José Operário	Ouro Branco
25/09 a 30/09	Divino Espírito Santo	Ouro Branco
30/09 a 06/10	São Sebastião	Monsenhor Izidro
06/10 a 12/10	Santo Antônio	Ouro Branco
13/10 a 19/10	São Brás	São Brás do Suaçui
19/10 a 26/10	Nossa senhora da Conceição	Jeceaba
26/10 a 01/11	Nossa Senhora das Brotas	Entre Rios de Minas
02/11 a 08/11	Basílica do Sagrado Coração de Jesus	Conselheiro Lafaiete
08/11 a 12/11	Bom Pastor	Conselheiro Lafaiete
13/11 a 15/11	Santa Terezinha	Conselheiro Lafaiete
16/11 a 21/11	São Sebastião	Conselheiro Lafaiete
21/11 a 27/11	Santo Antônio	Itaverava
27/11 a 29/11	Reitora São Judas Tadeu	Conselheiro Lafaiete
29/11 a 08/12	Nossa Senhora da Conceição	Conselheiro Lafaiete
09/12 a 12/12	Nossa Senhora de Lourdes	Conselheiro Lafaiete
12/12 a 16/12	São João Batista	Conselheiro Lafaiete
16/12 a 21/12	Nossa Senhora da Luz	Conselheiro Lafaiete



Maria foi, às pressas, por uma região montanhosa para prestar serviços a Isabel (cf. Lc 1,39-45). Maria não foi ao encontro de Isabel para rezar o terço. Aliás, ela nunca pensou em terço, menos ainda em rosário. O rosário surgiu mil anos depois do nascimento de Maria. Entretanto, Maria, assim como fazia Jesus, rezava muito. Nossa Senhora conhecia bem a Bíblia Sagrada. Compare, por exemplo, o canto do *Magnificat* de Maria (Lc 1,46-55) com a oração de Ana, mãe de Samuel (1Sm 2,1-10). Maria fazia uma leitura orante da Bíblia. Lia e relia a Palavra de Deus, ficava com um olho na Bíblia e o outro na realidade. Saía correndo, mesmo que fosse longe, mesmo subindo morros, mas ia para servir os outros. Ela aprendeu, na Palavra de Deus, que é preciso servir a Deus no próximo. E Jesus aprendeu com ela a servir. E a Igreja aprendeu com ela a primeiro **servir**, depois **dialogar**, depois **anunciar** e dar **testemunho de comunhão** (Diretrizes Gerais da CNBB, para 2011-2015, n. 135).

Um pastor presbiteriano escreveu em uma revista, há muitos anos: “Quanto a Maria, mãe de Jesus, todos exageramos: os católicos no excesso de culto e os evangélicos na falta de culto”. Maria, a humilde serva do Senhor, nunca pretendeu ser maior que ninguém, nem passar na frente dos outros, menos ainda passar os outros para trás. Ela sempre procurou ocupar seu lugar: mãe, cozinheira, lavadeira, carregando lenha e água, costurando, varrendo a casa ea oficina de José. As dezenas de títulos que damos a Maria revelam nossa admiração e nossa devoção a ela. Mas, não são estes títulos que agradam a Maria. Com certeza, o que ela mais deseja é que façamos o que seu filho Jesus manda (cf. Jo 2,5). E Jesus disse: “O que eu mando é isto: amem-se uns aos outros” (Jo 15,17).

É bom rezar a “Ave Maria!” É uma oração bíblica, pois está na Bíblia; é uma oração evangélica, pois está no Evangelho de Lucas 1,28 e 1,42: Maria, “alegre-se, cheia de graça! O Senhor está com você (...) você é bendita entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!”, Jesus. Está passando da hora de os católicos pararem de justificar a ignorância religiosa com o chavão: “religião não se discute”. Quantas Bíblias empoeiradas! Quantas Bíblias nunca ficam velhas, por não serem usadas! (Uma sugestão para quem gosta de novela: quando terminar a que você está assistindo, não comece ver a próxima. Comece ler a Bíblia, o Novo Testamento, na hora da novela. Antes de terminar o último capítulo da novela, você terá terminado o último capítulo do Novo Testamento. E, com certeza, estará muito mais feliz!).

Esta peregrinação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida pela Arquidiocese de Mariana tem um objetivo. Ir com Maria ao encontro das pessoas que abandonaram a família de Deus, a comunidade. Jesus quer ser nosso irmão e amigo (cf Jo 15,14), Maria nos quer como filhos e filhas e José é nosso modelo de homem justo. É bom e muito fácil caminhar com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Mas, mesmo sendo mais difícil, é muito melhor caminhar com a imagem viva de Maria na mulher da cidade e da roça, na menina brincalhona, na mocinha sorridente e na mãe sofrida. Maria está no meio de nós não tanto na sua imagem material, mas na sua imagem viva animadora no coração de quem ama e na mente de quem crê que “um novo mundo é possível”. Quando Maria ouviu do anjo que para Deus tudo é possível, ela redobrou suas forças e, corajosamente, se apresentou como “**serva do Senhor**”, saiu correndo para **servir Isabel**, indo ao seu encontro, não porque ela estava afastada, mas para que ela nunca se afastasse dos caminhos do Senhor, nunca se afastasse da comunidade.

Pe. Luiz Faustino dos Santos
Barão de Cocais / MG

À procura dos que abandonaram a família

Redução não é a solução

A CNBB divulgou em junho, uma mensagem sobre a redução da maioria penal, aprovada durante reunião do Conselho Permanente da entidade, realizada em Brasília. Na mensagem, a CNBB afirma que “se aprovada a redução da maioria penal, abrem-se as portas para o desrespeito a outros direitos da criança e do adolescente, colocando em xeque a Doutrina da Proteção Integral assegurada pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)”.

“Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6).

Temos acompanhado, nos últimos dias, os intensos debates sobre a redução da maioria penal, provocados pela votação desta matéria no Congresso Nacional. Trata-se de um tema de extrema importância porque diz respeito, de um lado, à segurança da população e, de outro, à promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente. É natural que a complexidade do tema deixe dividida a população que aspira por segurança. Afinal, ninguém pode compactuar com a violência, venha de onde vier.

É preciso, no entanto, desfazer alguns equívocos que têm embasado a argumentação dos que defendem a redução da maioria penal como, por exemplo, a afirmação de que há impunidade quando o adolescente comete um delito e que, com a redução da idade penal, se diminuirá a violência. No Brasil, a responsabilização penal do adolescente começa aos 12 anos. Dados do Mapa da Violência de 2014 mostram que os adolescentes são mais vítimas que responsáveis pela violência que apavora a população. Se há impunidade, a culpa não é da lei, mas dos responsáveis por sua aplicação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), saudado há 25 anos como uma das melhores

leis do mundo em relação à criança e ao adolescente, é exigente com o adolescente em conflito com a lei e não compactua com a impunidade. As medidas socioeducativas nele previstas foram adotadas a partir do princípio de que todo adolescente infrator é recuperável, por mais grave que seja o delito que tenha cometido. Esse princípio está de pleno acordo com a fé cristã, que nos ensina a fazer a diferença entre o pecador e o pecado, amando o primeiro e condenando o segundo.

Se aprovada a redução da maioria penal, abrem-se as portas para o desrespeito a outros direitos da criança e do adolescente, colocando em xeque a Doutrina da Proteção Integral assegurada pelo ECA. Poderá haver um “efeito dominó” fazendo com que algumas violações aos direitos da criança e do adolescente deixem de ser crimes como a venda de bebida alcoólica, abusos sexuais, dentre outras.

A comoção não é boa conseleira e, nesse caso, pode levar a decisões equivocadas com danos irreparáveis para muitas crianças e adolescentes, incidindo diretamente nas famílias e na sociedade. O caminho para pôr fim à condenável violência praticada por adolescentes passa, antes de tudo, por ações preventivas como educação de qualidade, em tempo integral; combate sistemático ao tráfico de drogas; proteção à família; criação, por parte dos poderes públicos e

toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”.

Francisco valoriza as palavras dos predecessores, como no caso de Bento XVI, de quem reitera o convite a “eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito ao meio ambiente”.

O texto, que pela primeira vez numa encíclica inclui a citação de um místico do sufismo (corrente mística e contemplativa islâmica), Ali Al-Khawwas, destaca também a “necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta”.

O *Jornal Pastoral* trará, no mês de agosto, uma edição especial sobre a “Encíclica Verde”. Nela, o tema será tratado por especialistas e aprofundado em matérias e entrevistas. Aguarde!

Divulgação



de nossas comunidades eclesiais, de espaços de convivência, visando a ocupação e a inclusão social de adolescentes e jovens por meio de lazer sadio e atividades educativas; reafirmação de valores como o amor, o perdão, a reconciliação, a responsabilidade e a paz.

Consciente da importância de se dedicar mais tempo à reflexão sobre esse tema, também sob a luz do Evangelho, o Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, reunido em Brasília, nos dias 16 a 18 de junho, em consonância com a 53ª Assembleia Geral da CNBB, dirige esta mensagem a toda a sociedade brasileira, especialmente, às comunidades eclesiais, a fim de exortá-las a fazer uma opção clara em favor da criança e do adolescente. Digamos

não à redução da maioria penal e reivindicamos das autoridades competentes o cumprimento do que estabelece o ECA para o adolescente em conflito com a lei.

Que Nossa Senhora, a jovem de Nazaré, proteja as crianças e adolescentes do Brasil!

Brasília, 18 de junho de 2015.

Dom Sergio da Rocha
Arcebispo de Brasília-DF
Presidente da CNBB

Dom Murilo S. R. Krieger
Arcebispo de São Salvador da Bahia-BA
Vice-presidente da CNBB

Dom Leonardo Ulrich Steiner
Bispo Auxiliar de Brasília-DF
Secretário Geral da CNBB

Papa Francisco surpreende o mundo com sua “Encíclica Verde”

L’Osservatore Romano

A encíclica sobre ecologia do Papa Francisco que foi publicada no dia 18 de junho faz um duplo apelo para que as comunidades e lideranças políticas protejam a Terra, controlando as mudanças climáticas, e substituam o modelo de desenvolvimento atual.

O documento foi mundialmente apresentado e leva o título de *Laudato Si* (“Louvado Sejas”). Ao longo das cerca de 190 páginas da encíclica, Francisco afirma, entre outras coisas, que a população mundial foi obrigada a “pagar a todo custo” o resgate dos bancos durante a mais recente crise financeira e econômica.

No texto, chamado pela imprensa mundial de “Encíclica Verde”, o Papa dirigiu-se não só aos cristãos, mas “a cada pessoa que habita neste planeta”, e invoca a “solidariedade universal” para “unir



Redução da maioria penal

“Menores abandonados, alguém os abandonou, pequenos e mal amados o progresso não os adotou” (Pe Zezinho).

Reprodução

Experimentamos tempos inimagináveis. Nos espaços de luta que frequento não ouvi, dos maiores pensadores, nem de longe o vislumbre deste momento político que vivemos. Dos grandes momentos de 1964 onde os honestos, corajosos e profetas estavam presos ou caçados como animais pela ditadura, chegamos a uma situação onde poderosos em muitos casos com argumentos religiosos truculentos, definem os rumos do nosso país. Tempos difíceis.

Pela lógica marxista, o hoje traz em si o germe da contradição. Devido a esta dinâmica, a realidade dá saltos qualitativos a cada ciclo. Assustadoramente vemos um Brasil retroceder nos debates mais avançados rumo a uma sociedade com justiça e respeito pelas diferenças. No caso da redução da maioria penal, baseada em argumentos religiosos, torna-se mais assustador ainda. Estaríamos vivendo o século XII? Em trabalhos em Brasília pela pastoral, vivi realidades que me deixaram sem condições de leitura social e antropológica. Ouvi que no dia em que a CUT fez um manifesto contra a redução da maioria penal, um político detentor de muito poder hoje, gritava pelos corredores: “agora que voto mesmo a favor da redução da maioria penal”. Fiquei perplexa.

O sociólogo falecido em 1997, Hebert de Souza, o Betinho, dizia: “Se não vejo na criança, uma criança, é porque alguém a violentou antes: e o que vejo é o que sobrou de tudo o que lhe foi tirado”. Nosso adolescente em conflito com a lei, na maioria arrasadora dos casos, vive em situação de vulnerabilidade e risco social. Ele não tem garantido o seu tempo social de infância e juventude. O Estado, a escola, a família e a sociedade tem o grande desafio de proteger este adolescente visando a construção de um proje-



to de vida adulta responsável. Não basta o governo dizer que é contra a redução. É necessário responder à pergunta: Como o governo tem realmente aplicado a lei? O Estatuto da Criança e do Adolescente propõe a responsabilização do adolescente que comete ato infracional, através do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Como está a implantação e implementação do Sinase? Como o judiciário, os conselhos tutelares, os conselhos de direito tem atuado? Como anda o projeto de educação integral nos municípios? Nós, da Pastoral do Menor, defendemos que o adolescente deve ser responsabilizado, mas denunciemos que as oportunidades não estão sendo dadas. Acreditamos na correção da conduta deste adolescente através da educação, acolhimento e responsabilização dentro de uma perspectiva educacional. Temos em nossa metodologia própria a Pedagogia do Caminho e acreditamos

nela como possibilidade de encontro com a condição humana deste jovem. Assistimos hoje uma lógica repressiva predominando em nossa sociedade. Neste tempo presenciamos um aumento significativo da maternagem ou paternagem irresponsável. Quase toda história de adolescente “desencaixado” veio de uma situação desta. Raros são os casos contrários.

Em relação à sociedade, podemos dizer que ela quer tratar a violência como tratou a situação da negritude. Assistimos no Brasil por centenas de anos, e ainda vemos, a separação social de negros e pobres como algo natural. Ao longo da nossa história mecanismos foram criados tais como: na escola tínhamos sala de ricos e sala de pobres, clube de ricos e clube de pobres, cemitério de ricos e de pobres, dia de coroação de meninas ricas e dia das meninas pobres... Creio todos lembram ou já ouviram falar de mecanismos de segregação semelhantes a estes. Claro que o pobre era e é na sua maioria negro.

A segregação funcionou e ainda funciona em alguns casos, só que a violência não tem este caráter. Erraram. A violência circula e não tem como confiná-la. Se o rico mora em condomínio fechado, coloca seu dinheiro em cofres dos bancos, coloca vidro blindado nos carros, tem vários seguranças, mais dia ou menos dia terá que conviver

com a violência face a face. A redução da maioria penal é mais uma tentativa de segregação do que de busca do equilíbrio social. É uma ingenuidade, uma visão rasa e simplista em alguns casos e de vingança em outros. O grande debate passa pela concentração de renda do país. Esta cria um fosso entre os que tudo podem e aqueles para os quais nem as políticas sociais básicas chegam de forma satisfatória. Não estamos associando pobreza à criminalidade, mas ela desassistida causa deterioração impactante no tecido social. Isto é fato em todas as sociedades e em todos os tempos da história da humanidade. Reduzir a maioria penal é tratar o efeito e não a causa. É chegar até a população 95% negra, pobre, masculina, de baixa escolaridade, de família monoparental e dizer a ela: vocês não tem possibilidade.

Na bíblia temos a matança de inocentes pelo faraó e por Herodes. A Pastoral defende a construção de políticas públicas educativas voltadas para a criança, o adolescente e a juventude. Nossa posição é de reforço às políticas públicas que garantam uma adolescência saudável com vida e vida em abundância.

Para refletir:

1. Você, sua comunidade ou o seu grupo estão por dentro desse debate sobre a redução da maioria penal?
2. Você conhece a nota da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil contra a redução da maioria penal?
3. O que você ou sua comunidade podem fazer para ajudar a conscientizar as pessoas que redução não é a solução?

.....
 Maria Auxiliadora de Fátima
 Costa Souza (Dodora Costa)
 Coordenadora da Pastoral do Menor
 do Regional Leste 2

POVO ELEITO; GENTE ESCOLHIDA

Reprodução

Já é uma tradição realçar, durante o mês de agosto, a dimensão vocacional. Embora os meses temáticos tragam o risco de se desviar o foco da liturgia, é importante aproveitar a oportunidade para aprofundar a beleza do chamado e da escolha. Somos “povo eleito, raça escolhida” (cf. 1Pd 2,9).

É comum se dizer que “somos chamados para...”. Mas vale a pena nos deter um pouco mais apenas nessa expressão: “somos chamados(as)”. Deus não é interessado. Não nos chama apenas em vista de um trabalho, uma função. Ele nos chama porque nos ama. A pessoa que é escolhida em uma eleição se sente importante, valorizada, querida. Deus nos elege.

Deus escolhe, chama e alimenta

Três domingos do mês de agosto trazem para a reflexão o discurso do “Pão da vida”. Aí, Jesus mostra como a Eucaristia é algo essencial para a nossa vida, além de ser uma escola de partilha, solidariedade e comunhão.

No primeiro domingo, vemos o povo que procura Jesus, mais pela comida do que pela Palavra. Uma realidade muito atual. Preocupação exagerada com as coisas materiais. E isso até mesmo no campo religioso, quando o imediatismo e a “teologia da prosperidade” vão ganhando espaço.

Mas Jesus mostra que há outro alimento muito mais importante e duradouro. Seu desejo é que sintamos também a fome desse alimento maior: “Dá-nos sempre desse pão!”.

A liturgia fala das tentações do cansaço, do desânimo, do querer voltar atrás, de aceitar uma vida menos digna. A Eucaristia nos anima a lutar e prosseguir, a renovar a mente e o coração: “Revesti-vos do homem novo”.

Quem caminha sente fome:

Esse tema prossegue no segundo

domingo: o Pão da Vida é que nos sustenta, nos fortalece, nos anima na caminhada. Quem caminha sente fome; precisa de forças (1ª leitura). É bom recordar o que o papa Francisco nos diz: “A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (EG, 47). Mas a verdadeira comunhão com Deus e com os irmãos vai muito além de receber uma hóstia consagrada. Eucaristia é, sobretudo, Vida.

Quem comunga deve também se esforçar para evitar toda amargura, irritação, cólera, gritaria, injúrias, maldade, e abrir espaço para o perdão, o amor, a bondade.

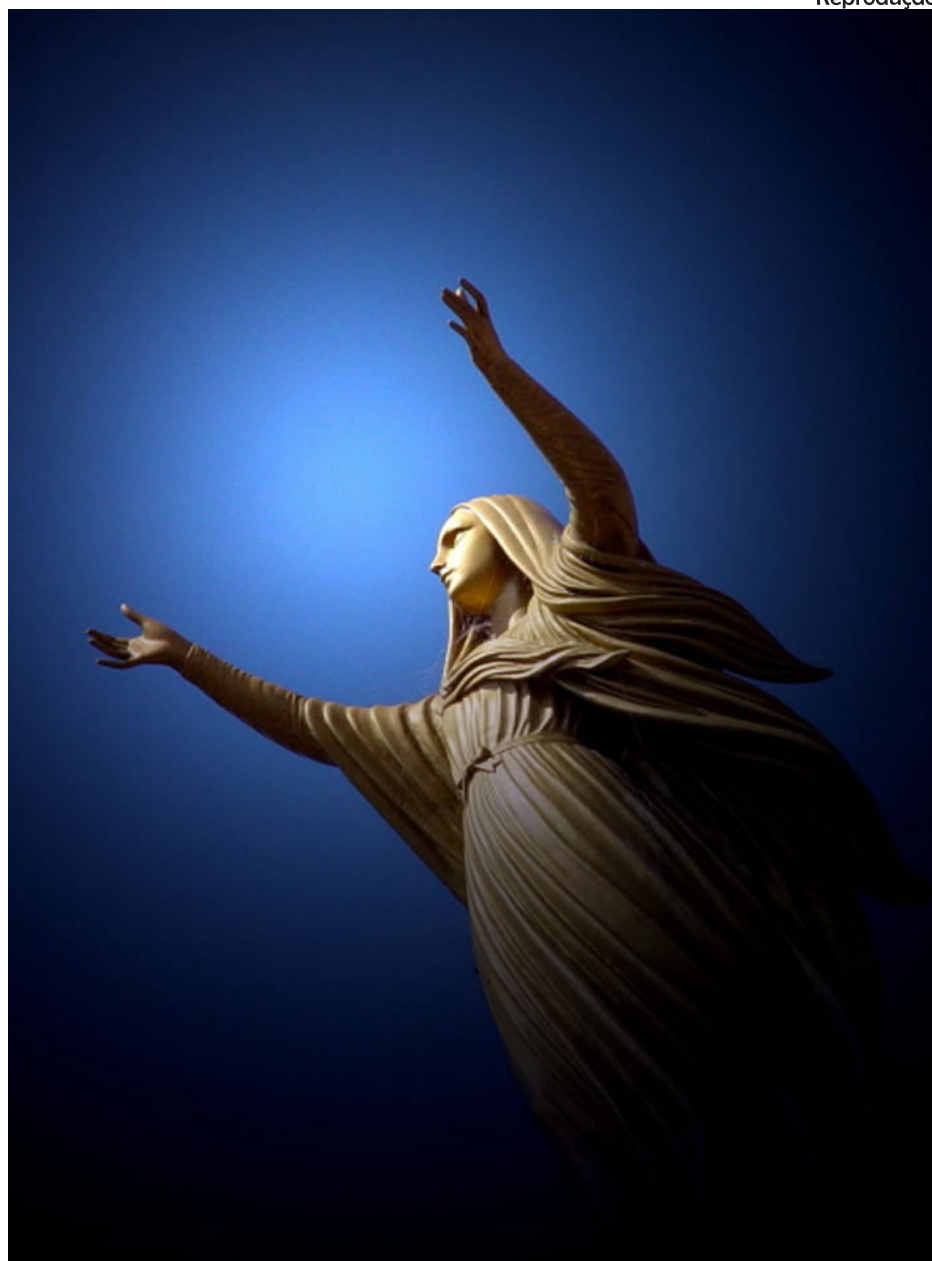
Um doce que amarga

No quarto domingo, a liturgia vai nos chamar a atenção para o lado exigente da Eucaristia. A Palavra de Deus é doce ao paladar, mas, quando ingerida, se torna amarga (cf. Ap 10,10). É agradável aos ouvidos, mas exigente e comprometedor. Comungar o Pão da vida é ‘gostoso’, é uma alegria, um privilégio. Mas traz também uma forte exigência. Nem todos aceitam isso.

Foi assim a reação de muitos: “Esta palavra é dura”. De fato, trata-se de uma palavra que desinstala, exige conversão, mudança radical nos critérios e no modo de agir. O desfecho era de se esperar: “*muitos voltaram atrás e não andavam mais com Jesus*”.

Se a preocupação de Jesus fosse com número de seguidores iria certamente tentar “dourar a pílula”: “não é bem assim, vocês não entenderam...”. Mas a postura dele é firme. A verdade é essa. Quem quiser, fica; se não, pode ir. E ainda pergunta aos poucos que ficaram: “*Vocês também não querem ir?*” Pedro res-

Reprodução



ponde pelo grupo: “*A quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente...!*”

Essa é também a postura de Josué e do povo de Deus, reunido na Assembleia de Siquém: “*Longe de nós abandonarmos o Senhor para servir a deuses estranhos... Nós também serviremos ao Senhor*”. Esse é um compromisso que começa em casa, na família.

No caminho, a pessoa de Maria

A sequência do “Pão da vida” é interrompida pela celebração da Assunção de Maria. Isso não compromete, uma vez que Maria prefigura a Eucaristia, ao trazer Jesus no ventre e na vida, ao viver plenamente a comunhão com Deus e com o outro, além de ser a vocacionada por excelência.

A primeira leitura fala dos sinais. Maria é sinal da Igreja e a Igreja, sinal de Maria. Ambas devem ser sinal da vida, sinal da vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. Uma vitória que vem, sobretudo, da força e do poder de Deus (2ª leitura). Maria é também sinal da Igreja visitadora, servidora, em saída, que vai ao encontro, sem esperar que as pessoas venham pedir. Maria e Isabel são sinais do encontro que gera

alegria, contentamento, gratidão, ação de graças (Evangelho).

O Dragão é sinal da morte, do mal, de tudo aquilo que quer matar a vida e nos tirar a esperança. É a negação do novo, da graça, do bem.

Uma fé coerente

Vivemos hoje num mundo da aparência. A estética vale mais que a ética. A beleza física conta mais que a própria saúde. A imagem se sobrepõe à realidade. O real é sufocado pelo virtual. O último domingo de agosto nos chama a atenção para a importância da coerência

É preciso cuidado com a inversão dos valores. Jesus não era contra lavar as mãos antes da refeição, tomar banho, lavar as vasilhas. O problema é que os fariseus e mestres da Lei se apegavam de maneira exagerada e doentia a essas normas, enquanto deixavam de lado a vivência interior da Lei. Punham a tradição acima do mandamento de Deus. Prestavam culto com os lábios, mas não com o coração.

Tiago fala de praticar a Palavra, sobretudo no amor aos mais frágeis e sofredores. Religião é vida, e a Lei só faz sentido quando promove a vida e garante a justiça. Somos chamados a testemunhar essa fé.



CELEBRAR O CHAMADO

Dois elementos podem ser valorizados nas celebrações de agosto: a dimensão do chamado e a importância da Eucaristia em nossa vida.

A equipe de liturgia tenha cuidado para não exagerar na questão temática da vocação. Os cantos, as preces, as mensagens, as ilustrações podem ter um aspecto mais vocacional, mas nunca ofuscando o Mistério Pascal e a liturgia de cada dia.

18º Domingo do Tempo Comum (2/8)
Leituras bíblicas: Ex 16,2-4.12-15 / Sl 77 / Ef 4,17.20-24 / Jo 6,24-35

Por causa da memória de São João Maria Vianney, patrono dos párocos, no dia 4, o primeiro domingo de agosto é voltado de modo especial para a vocação ao ministério ordenado. Realçar a grandeza desse ministério, a responsabilidade de quem o assume, e a necessidade de rezarmos sempre por nossos pastores.

Pode-se fazer a ligação entre a importância da Eucaristia e, conseqüentemente, dos padres que nos trazem o Pão da vida. Uma frase como tema: *Senhor, dá-nos sempre desse Pão!*

O(a) coordenador(a) pastoral pode levar a estola e colocá-la no padre no início da celebração.

Transfiguração do Senhor (6/8)

Embora aconteça numa quinta-feira, é bom valorizar a festa da Transfiguração do Senhor e todo o seu significado.

19º Domingo do Tempo Comum (9/8)
Leituras bíblicas: 1Rs 19,4-8 / Sl 33 / Ef 4,30 - 5,2 / Jo 6,41-51.

É o Dia dos Pais. Fazer um convite



especial para que compareçam à celebração. Acolhê-los com carinho. Valorizá-los em algum serviço ou ministério. Preparar uma lembrancinha para o final.

Esse dia dá início à *Semana Nacional da Família*. Dar destaque e convocar a comunidade para celebrá-la bem. O tema é: *“O amor é a nossa missão: a família plenamente viva”*. Cada paróquia (e comunidade) tenha um exemplar da *Hora da Família*, que traz sugestões e dicas. Divulgar também e refletir sobre a *Carta Compromisso do IV Congresso Arquidiocesano da Pastoral Familiar*.

Onde for viável, dar a comunhão sob as duas espécies e propor um gesto concreto de partilha.

Assunção de Nossa Senhora ao céu (16/8); Leituras bíblicas: Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab. /Sl 44 / 1Cor 15,20-27 / Lc 1,39-56.

A vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel, na experiência do amor fraterno!

Se possível, preparar um ícone ou imagem de Nossa Senhora (da Assunção ou da Glória, Maria servidora, Auxílio dos cristãos, do encontro com Isabel).

É bom que o evangelho seja dialogado ou encenado após sua proclamação. Valorizar o ministério da visitação, onde tiver, bem como a dimensão missionária. Dar destaque às crianças da infância missionária e agentes da visitação.

Realçar o caráter missionário da celebração: sair ao encontro. Por causa da figura de Maria, este domingo é voltado de modo especial para a vocação das pessoas consagradas, os(as) religiosos(as).

21º Domingo do Tempo Comum (23/8); Leituras bíblicas: Js 24,1-2a.17.18b / Sl 33 / Ef 5,21-32 / Jo 6,60-69.

Aproveitar o tema da liturgia para divulgar um pouco mais a *Carta Compromisso do Congresso da Pastoral Familiar*.

Retomar as decisões das últimas assembleias: paroquial-comunitária, regional, diocesana. O que foi decidido por nós na pessoa de nossos(as) delegados(as) e representantes. O que estamos colocando em prática? As prioridades podem ser colocadas num cartaz ou mural.

Como este domingo é dedicado à vocação leiga, dar destaque à participação de todos(as) os(as) agentes, lideranças e ministros leigos da paróquia.

22º Domingo do Tempo Comum (30/8); Leituras bíblicas: Dt 4,1-2.6-8 / Sl 14 / Tg 1,17-18.21-22.27 / Mc 7,1-8.14-15.21-23.

Ilustrar o ambiente celebrativo com ‘setas’ trazendo palavras-chave dos mandamentos de Deus: Amar a Deus; amar o próximo, respeitar, perdoar, partilhar, fazer justiça. Chamar a atenção para o que é essencial na Lei e as tradições que mais atrapalham que ajudam.

Se achar conveniente, explicar o gesto do presidente da celebração ao lavar as mãos no momento da preparação das oferendas, que é simbólico, no sentido da purificação interior (faltas e pecados). Por esse motivo, não faz sentido os Ministros Extraordinários da Comunhão lavarem também ali as mãos para dar comunhão.

Dar atenção especial aos(às) catequistas da comunidade, mostrando a importância do seu ministério.

Pe. José Antônio de Oliveira
Cristiano Otoni e Queluzito / MG

“Não dá mais pra voltar, o barco está em alto mar. Não dá mais pra negar o mar é Deus e o barco sou eu. E o vento forte que me leva pra frente é o amor de Deus”. O ano de 2015 foi proclamado pelo Papa Francisco “Ano da vida consagrada”, com o objetivo de manifestar a todas as Consagradas e a todos os Consagrados o apreço e comunhão com esses homens e mulheres, que na alegria colocaram a sua vida a serviço da construção do Reino.

Assim, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escreve: *Expressamos a nossa gratidão à Vida Consagrada que por primeiro proclamou o Evangelho nesta Terra de Santa Cruz, na qual partilhou o dom da fé. Desde o início da Igreja em nossas terras, muitos Consagrados e Consagradas foram e são pioneiros nos mais diversos ambientes, na evangelização, na promoção humana e na vida contemplativa, doando*

a própria vida para testemunhar a alegria do Evangelho e o amor pelos pequenos e pobres. Inflamados pelo amor a Cristo, em atitude de desprendimento e de saída, a exemplo do Mestre que “veio para servir”, lançaram-se à missão para plantar uma Igreja servidora, em áreas difíceis, nem sempre assumidas por todos. Reconhecemos a contribuição que a Vida Consagrada continua dando à evangelização no Brasil, inserida nas periferias geográficas e existenciais às quais é levada “movida pela caridade que o Espírito Santo derrama nos seus corações” (PC, n. 1).

Entendamos: consagrar a vida é deixar-se levar pela ação do Pai, na força do Espírito Santo, soprando amor, acolhendo as necessidades de tantos que estão à margem, fragilizados por tantos vazios, à espera de uma mão estendida, de um coração que escute, sem julgar e, acima de tudo, aponte o verdadeiro Caminho. O consagrado, a consagrada deve expressar com a própria vida, que a esperança é um colírio da alma, que faz perceber e enxergar Deus. Um Deus que busca no ser humano aquilo que ele tem de melhor. Um Deus que deixa de lado os erros e as más inclinações para dar o abraço da vida e da gra-

ça, com as cores da alegria. Não é um super homem ou uma super mulher, mas um ser humano também limitado, que realizou um encontro pessoal com Jesus e que mediante tamanho encantamento se colocou e se coloca a cada dia a caminho sob os sinais de Deus.

Assim é a vida dos consagrados: uma caminhada contínua que tem início nas próprias experiências diárias e se conclui com o encontro com Cristo. Trajetória muitas vezes difícil, marcada por obstáculos, porém, caracterizada pela prática das virtudes, pelo amadurecimento humano e espiritual, mas com uma atitude que nunca deveria faltar em qualquer batizado: a alegria. Sim, a alegria de que tão profundamente expressa o Papa Francisco. Trata deste tema a segunda carta circular escrita para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, intitulada *Scrutate*. O texto pretende ser “um instrumento para reler os últimos cinquenta anos da experiência dos consagrados à luz dos ensinamentos do concílio Vaticano II e do magistério do Papa Francisco. Propõe que se faça uma espécie de balanço sobre os esforços realizados: os que produziram fecundidade e, ao contrário, os que não deram frutos”.

Enfim, é uma carta que procura fazer refletir sobre os sucessos e as falhas a fim de exortar a prosseguir o caminho com espírito profético. Isto é, procura oferecer um contributo, através dos erros e dos resultados obtidos, para tornar a vida pessoal e comunitária de quantos escolheram seguir Cristo de perto ainda mais fiel aos ensinamentos evangélicos. Importante e bonito perceber que a Igreja necessita sempre dessas pessoas que consagraram suas vidas a Deus e que no testemunho delas é possível compreender que, conforme descreve o Documento de Aparecida, n. 36, “a Vida Consagrada é chamada a ser uma vida discipular, apaixonada por Jesus-Caminho ao Pai Misericordioso. [...] É chamada a ser uma vida missionária, apaixonada pelo anúncio de Jesus-Verdade do Pai, por isso mesmo, radicalmente profética”.

Que seja um ano de terra fértil onde pessoas dispostas a servir, na radicalidade, queiram buscar o espaço para ali iniciarem o seu caminho, desejando ser sinal do ressuscitado no mundo. Amém!

Vera Maria Moraes Fontes
Paróquia N. Sra da Assunção
Barbacena/MG

Um bispo "Imortal"

Marcelo Martins

Dom Silvério Gomes Pimenta, primeiro prelado brasileiro a ingressar na Academia Brasileira de Letras, nasceu em Congonhas, cidade patrimônio da humanidade.

Em Congonhas teve início a história de um filho ilustre das Minas Gerais: Dom Silvério Gomes Pimenta. Professor, orador sacro, poeta, biógrafo, prelado e arcebispo de Mariana, nasceu em 12 de janeiro de 1840. Eleito em 30 de outubro de 1919 para a Cadeira nº 19, na sucessão de Alcindo Guanabara, foi recebido em 28 de maio de 1920, como o primeiro prelado brasileiro com assento entre os escritores "imortais" consagrados pela Academia Brasileira de Letras.

Foi ordenado, por Dom Viçoso, aos 22 anos, em 1862, na matriz de Sabará. Em 1864 foi à Europa, enviado por Dom Viçoso. Em 1874, ao falecer esse ilustre bispo, o padre Silvério foi eleito vigário capitular, governando a diocese até 1877. No ano seguinte, Dom Antônio Correa de Sá e Benevides, sucessor de Dom Viçoso, escolheu-o para vigário geral e provisor do bispado. Como Dom Benevides estivesse sempre doente, Dom Silvério foi durante muito tempo o sustentáculo do bispado, até que em 26 de junho de 1890 foi nomeado bispo auxiliar de Mariana, sendo o primeiro bispo sagrado depois de proclamada a República. Em 1906, o papa Pio X elevou a diocese de Mariana a arquidiocese e o respectivo bispo, Dom Silvério, a arcebispo.

Os versos latinos, as cartas pastorais e os artigos na imprensa trouxeram-lhe fama. E foi esse renome que o levou à Academia Brasileira de Letras. Suas principais obras foram: O Papa e a revolução, sermões (1873); Peregrinação a Jerusalém (1897); D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, conde da Conceição (1876); A prática da confissão, estudos de moral e dogma (1873); Cartas pastorais 1890-1922; diversos sermões, orações, conferências e poesias latinas em periódicos. Dom Silvério faleceu em Mariana-MG, em 30 de agosto de 1922.

Uma cidade de mestres

No ano em que se comemora 30 anos de tombamento como Patrimônio da Humanidade, a cidade de Congonhas, localizada na Região Pastoral Mariana Oeste, enfrenta o desafio de manter seu patrimônio histórico em meio à destruição causada pela mineração. Expostas no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, as famosas



Reprodução

estátuas dos profetas esculpidas por Aleijadinho, que ajudaram a dar o título à cidade, sofrem com o vandalismo e com a poeira da mineração. Segundo o padre Paulinho Barbosa, que é pároco na cidade, a preservação do acervo histórico é determinante para todo o sentido artístico e religioso que a cidade tem. "A cidade, elevada a patrimônio cultural da humanidade, reforça o sentido de unidade entre fé e arte, entre a cultura e a religiosidade. Este é um patrimônio que devemos preservar tanto na sua expressão artística quanto na sua manifestação religiosa. É aqui que, no Jubileu do Bom Jesus (7 a 14 de setembro) acontece a maior romaria da cidade. É neste momento e neste local que o povo vem buscar a força do Bom Jesus para sua vida".

O conjunto, construído na segunda metade do século 18, é singular por reunir, em um só lugar, uma magnífica igreja em estilo rococó, além da obra-prima de Aleijadinho: os 12 profetas e as 64 estátuas com a representação dos Passos da Paixão de Cristo. Conferido em 6 de dezembro de 1985, pela UNESCO, ao Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, o título de Patrimônio da Humanidade tem como objetivo destacar quais são os patrimônios de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas em todo o mundo. No Brasil, foram concedidos 12 títulos de "Patrimônio Cultural Mundial", para monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico.



ASSINE O JORNAL
PASTORAL

Entre em contato conosco
pelo telefone (31) 3557-3167
ou mande um email
para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor R\$ 2,50

arquidiocese de
mariana